

**UNIDOS AOS NOSSOS IRMÃOS
DEFUNTOS**

Mês de novembro em oração

Do catálogo da EDITORIAL AO:

Celebrar e Praticar a Misericórdia – *Para viver sempre em Ano Jubilar da Misericórdia* (3ª ed.)

Manuel Morujão, S.J.

O Caminho do Amor – *Via-Sacra* (3ª ed.)

Dário Pedroso, S.J.

Terço e Novena pelas Almas do Purgatório (2ª ed.)

Heitor Morais da Silva, S.J.

Manuel Morujão, s.j.

UNIDOS
AOS NOSSOS IRMÃOS DEFUNTOS

Mês de novembro em oração



EDITORIAL A.O.

Capa
Francisca Cardoso

Paginação
Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos
Sersilito, Empresa Gráfica, Lda

Depósito Legal
445798/18

ISBN
978-972-39-0854-1

Setembro de 2018

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.redemundialdeoracaodopapa.pt / livros@snao.pt

PREFÁCIO

O estimado Padre Manuel Morujão, S.J., agracia-nos com este luminoso dom orante, qual inteligente e prudente criatividade litúrgica e pastoral, convidando-nos para um caminho a calcorrear no mês de novembro. A oportunidade desta publicação pastoral e espiritual contribuirá para uma conversão do déficit de escatologia que existe em muitos fiéis e, certamente, em muitas comunidades eclesiais.

No Ocidente, o mês de novembro inicia com a solenidade de Todos os Santos e a comemoração de Todos os Fiéis Defuntos. De facto, este mês é muito vivido, na Piedade Popular, como o mês da memória dos defuntos, comunmente chamado «mês das almas», expressando a fé na ressurreição dos mortos e na vida eterna.

A metodologia escolhida pelo autor segue as fontes da Fé e da Revelação, isto é, a Sagrada Escritura, o Magistério da Igreja e a Tradição, ao ritmo da Liturgia: *«Este livro contém uma celebração para cada dia do mês de novembro, com o seguinte esquema subordinado a um tema, tendo presente as memórias e festas litúrgicas: Introdução, Leitura da Sagrada Escritura, Leitura de um texto do Magistério da Igreja e Oração de Fiéis»*.

A Liturgia cristã das exéquias é uma celebração do mistério pascal de Cristo. De facto, os cristãos confessam na fé e na esperança a sua última Páscoa, ao dizer-

rem no Credo: *«espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir»*. A própria Liturgia da Igreja o afirma solenemente: *«N'Ele brilhou para nós a esperança da feliz ressurreição: e se a certeza da morte nos entristece, conforta-nos a promessa da imortalidade. Para os que creem em Vós, Senhor, a vida não acaba, apenas se transforma; e, desfeita a morada deste exílio terrestre, adquirimos no Céu uma habitação eterna»*.

A orientação da Reforma litúrgica para o rito das exéquias é dupla: *«expressar melhor o sentido pascal da morte cristã»* e adaptar *«mais o rito às condições e tradições das várias regiões, mesmo na cor litúrgica»* (*Sacrosanctum Concilium*, n. 81).

A Liturgia usa alguns sinais e os símbolos para expressar o mistério da morte: a) o silêncio; b) o círio pascal; c) as velas; d) a aspersão com a água benta; e) a Bíblia; f) a Cruz; g) a cor litúrgica.

Segundo o conjunto do rito das exéquias: celebra-se o culto de Deus, que é o Deus dos vivos; salienta-se a centralidade do mistério pascal de Cristo; restabelece-se o sentido da comunidade cristã diante da morte, que é chamada a celebrar a própria fé pascal; restitui-se à morte o seu carácter humano e afirma-se o primado da pessoa humana.

O Papa Francisco, na exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia*, escreveu assim: *«Compreendo a angústia de quem perdeu uma pessoa muito amada, um cônjuge com quem se partilhou tantas coisas. O próprio Jesus Se comoveu e chorou no velório dum amigo (cf. Jo II, 33.35). E como não compreender o lamento de quem perdeu um filho? Com efeito,*

“é como se o tempo parasse: abre-se um abismo que engole o passado e também o futuro. (...) E às vezes chega-se até a dar a culpa a Deus! Quantas pessoas – compreendendo-as – se chateiam com Deus”. “A viuvez é uma experiência particularmente difícil (...). Alguns, quando têm de viver esta experiência, mostram que sabem fazer convergir as suas energias para uma dedicação ainda maior aos filhos e netos, encontrando nesta experiência de amor uma nova missão educativa. (...) Aqueles que já não podem contar com a presença de familiares a quem se dedicar e de quem receber carinho e proximidade, a comunidade cristã deve sustentá-los com particular atenção e disponibilidade, sobretudo se vivem em condições de indigência”» (n. 254).

Na verdade, a Liturgia da Igreja, na oração de sufrágio pelos Fiéis Defuntos, implora a vida eterna não só para os seus fiéis, mas também por todos os defuntos, cuja fé só Deus conheceu: *«Lembrai-Vos também dos nossos irmãos que adormeceram na paz de Cristo e de todos os defuntos cuja fé só Vós conhecestes»* (Oração Eucarística IV).

† José Manuel Cordeiro
Bispo de Bragança-Miranda
Presidente da Comissão Episcopal
de Liturgia e Espiritualidade

INTRODUÇÃO

Situando o tema na doutrina da Igreja

O mês de novembro é considerado, nas tradições do nosso povo cristão, o «Mês das Almas». Um tempo especialmente dedicado a termos presente, na nossa oração e no nosso afeto, as pessoas que já partiram desta vida, de um modo particular os familiares e amigos. Estas pessoas, a quem estamos unidos por laços de amizade e gratidão, não podem ser consideradas perdidas e desligadas de nós.

A morte não nos destrói nem nos reduz a nada. A morte é apenas o fim da nossa dimensão física, mas a nossa fundamental identidade pessoal é eterna. Deus criou-nos à sua imagem e semelhança, portanto abertos à sua eternidade, a fim de com Ele vivermos para sempre. A nossa fé na ressurreição de Cristo abre-nos as portas da morte à nossa própria ressurreição: «se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos» (*Rm* 6, 8).

A nossa ligação afetiva com os que partem da vida temporal para a vida eterna deve ser mantida, tal como a procuramos manter quando alguém da nossa família emigra para um país longínquo. Longe da vista deve ser ainda maior razão para estar perto do coração. A oração, especialmente a Eucaristia, é um efficacíssimo meio

de comunicação com as pessoas queridas que partiram para a eternidade de Deus. Nesta linha, afirma Santo Agostinho: «Uma lágrima pelos defuntos evapora-se; uma flor sobre o túmulo murcha; mas uma oração chega ao coração do Altíssimo».

Como recorda o *Catecismo da Igreja Católica*, «os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu. A Igreja chama *Purgatório* a esta purificação final dos eleitos (...). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos, oferecendo sufrágios em seu favor, particularmente o Sacrifício eucarístico, para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus» (nn. 1030-1032).

A oração pelos defuntos é um exercício de amor e corresponsabilidade em relação aos que já partiram deste mundo, mas não foram extintos nem reduzidos a nada. Eles contam com a nossa proximidade e solidariedade orante. Assim, o Papa Bento XVI sublinha que «a oração de uma alma peregrina no mundo pode ajudar uma outra alma que se está purificando depois da morte» (2008.II.02). Seria uma amputação que desfiguraria o corpo da Igreja na sua totalidade reduzi-la à sua parte visível na terra, esquecendo a Igreja padecente no purgatório e a Igreja triunfante no Céu.

O Concílio Vaticano II, na Constituição dogmática sobre a Igreja, assim afirma: «Reconhecendo claramente a comunicação de todo o Corpo Místico de Cristo, a

Igreja dos que ainda peregrinam cultivou com muita piedade, desde os primeiros tempos do Cristianismo, a memória dos defuntos e “porque é coisa santa e salutar rezar pelos mortos, para que sejam absolvidos dos seus pecados” (2 Mac 12, 46), por eles ofereceu também sufrágios» (LG 50). É que com a separação física que se dá com a morte «de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo; mas (...) é reforçada pela comunicação dos bens espirituais» (LG 49).

O nosso Papa Francisco, na Exortação Apostólica *A Alegria do Amor* (n. 257), citando o *Catecismo da Igreja Católica*, recorda que rezar pelas pessoas que partiram para a eternidade «pode não só ajudá-las, mas também tornar mais eficaz a sua intercessão em nosso favor». É um dar e receber. Ajudamos quem partiu e somos ajudados por eles, estreitando laços de amor. O Santo Padre aí também nos lembra o exemplo de «Santa Teresa de Lisieux (que) sentia vontade de continuar, do Céu, a fazer bem. E S. Domingos afirmava que “seria mais útil, depois de morto (...), mais poderoso para obter graças”». S. Tomás de Aquino, insigne Doutor da Igreja, assim se exprime: «A oração pelos defuntos é mais aceite por Deus do que a oração pelos vivos, porque os defuntos dela necessitam e não podem ajudar-se a si mesmos, ao passo que os vivos o podem fazer».

Todos recordamos que a oração de petição é insistentemente recomendada por Cristo. E o seu especial representante, como sucessor de Pedro, o Papa Francisco, assim nos adverte na Exortação Apostólica *Alegrai-vos e*

Exultai: «Não desvalorizemos a oração de petição, que tantas vezes nos tranquiliza o coração e ajuda a continuar a lutar com esperança. A súplica de intercessão tem um valor particular, porque é um ato de confiança em Deus e, ao mesmo tempo, uma expressão de amor ao próximo. (...) A verdade é que a oração será mais agradável a Deus e mais santificadora se nela procurarmos, através da intercessão, viver o duplo mandamento que Jesus nos deixou. A intercessão expressa o compromisso fraterno com os outros, quando somos capazes de incorporar nela a vida deles, as suas angústias mais inquietantes e os seus melhores sonhos» (n. 154). Também é parte do cumprimento do mandamento do amor interceder pelos que já partiram para a eternidade de Deus.

Entre o tempo e a eternidade, entre a terra e o Céu não há fronteiras. Os bens espirituais circulam livremente, com velocidade instantânea. É a comunhão dos santos, em solidariedade universal, exercitando o lema de S. Paulo: ser «tudo para todos», nesta vida temporal e na vida eterna. O *Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia*, da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, concretizando as diretrizes do Concílio Vaticano II, recomenda os sufrágios pelos nossos irmãos defuntos, que são, «em primeiro lugar, a celebração do Sacrifício eucarístico, e depois outras expressões de piedade, como, por exemplo, orações, esmolas, obras de misericórdia e indulgências aplicadas a favor das almas dos defuntos» (n. 251).

Modo de usar este livro

Este livro contém uma celebração para cada dia do mês de novembro, com o seguinte esquema subordinado a um tema, tendo presente as memórias e festas litúrgicas: Introdução, Leitura da Sagrada Escritura, Leitura de um texto do Magistério da Igreja e Oração de Fiéis.

Pode ser utilizado antes ou depois da oração do Terço do Rosário, numa celebração independente ou integrada na celebração da Eucaristia. Neste último caso, aconselho a suprimir a leitura do texto da Palavra de Deus, pois já foi proclamada na liturgia da Missa.

É claro que as adaptações são possíveis e até recomendadas, aproveitando parte de cada celebração e ajustando-a a cada assembleia.

Na parte final deste livro, encontra alguns anexos que poderão ser úteis na linha de cultivar a oração pelos nossos irmãos defuntos: uma Celebração da Palavra, no ambiente de Adoração ao Santíssimo; um Terço do Rosário com os mistérios gloriosos; uma Via-Sacra; e orações de autores clássicos pelos fiéis defuntos.

Oração e fé andam de mãos dadas. «*Lex orandi, lex credendi* – A lei da oração é a lei da fé». Rezar pelos que já partiram, mas estão vivos de outra maneira e são parte das nossas vidas, é uma bela expressão do mandamento do amor, do qual não ficamos dispensados com a natural separação física pela morte.

Bom mês de novembro, melhorado com a oração que ultrapassa a barreira da morte e do tempo, que nos une a Deus, que é o Senhor dos vivos e dos que morrem para entrar na vida eterna.

Manuel Morujão, S.J.

Dia I
Solenidade de Todos os Santos

CELEBRAR
A GLÓRIA DE TODOS OS SANTOS

Introdução

Com toda a Igreja, celebramos hoje a solenidade de Todos os Santos. Esta celebração teve origem na festa em que se dedicou o Panteão de Roma, onde se adoravam todos os deuses, como basílica de Santa Maria dos Mártires. Esta festa, celebrada no Oriente já no século IV, difundiu-se no Ocidente a partir do século IX.

Recordando a multidão incontável de santos e santas, alguns dos quais canonizados, recordamos a nossa vocação à santidade. Um perigo bastante comum é reservar a santidade para uns tantos eleitos, uma espécie de *atletas olímpicos* da virtude. Para o resto da humanidade, o comum dos mortais, bastaria evitar ser maus e, quanto possível, ser boas pessoas. Mas não é isto o que Cristo nos diz ou nos recorda a Palavra de Deus. Por isso afirma o Beato Columba Marmion: «Deus não faz troça de nós. Quando Nosso Senhor nos diz: “Sede perfeitos”, sabe tudo o que exige de nós e sabe que nada exige acima das nossas forças, quando na Sua nos apoiamos... “Tudo posso n’Aquele que me dá força” (Fl 2, 13). Quaisquer que sejam as nossas tentações, dificuldades ou fraquezas, podemos por Cristo chegar a maior santidade».

Só nos sentiremos realizados, mesmo humanamente falando, se cumprirmos e satisfizermos os dinamismos

de santidade com que o Criador nos *programou*, em presente à nossa liberdade. O Concílio Vaticano II dedicou um capítulo inteiro do seu documento fundamental sobre a Igreja à «Vocação de todos à santidade na Igreja». Repetidamente se insiste nesta ideia: «Todos os cristãos são chamados e obrigados a tender à santidade e perfeição do próprio estado» (LG 42).

Leitura da Carta de S. Paulo aos Colossenses (3, 12-17)

Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos, pois, de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, suportando-vos uns aos outros e perdando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro. Tal como o Senhor vos perdoou, fazei-o vós também. E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição. Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo. E sede agradecidos. A palavra de Cristo habite em vós com toda a sua riqueza: ensinaí-vos e admoestai-vos uns aos outros com toda a sabedoria; cantai a Deus, nos vossos corações, o vosso reconhecimento, com salmos, hinos e cânticos inspirados. E tudo quanto fizerdes, por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai.

Palavra do Senhor. / – Graças a Deus.

Leitura da Exortação Apostólica **A Alegria do Amor, do Papa Francisco** (n. 257)

Uma maneira de comunicarmos com os seres queridos que morreram é rezar por eles. Diz a Bíblia que «rezar pelos mortos» é «santo e piedoso» (2 Mac 12, 44.45). Rezar por eles «pode não só ajudá-los, mas também tornar mais eficaz a sua intercessão em nosso favor».

O *Apocalipse* apresenta os mártires a interceder pelos que sofrem injustiça na terra (cf. 6, 9-11), solidários com este mundo em caminho. Alguns santos, antes de morrer, consolavam os seus entes queridos, prometendo-lhes que estariam perto ajudando-os. Santa Teresa de Lisieux sentia vontade de continuar, do Céu, a fazer bem. E S. Domingos afirmava que «seria mais útil, depois de morto (...), mais poderoso para obter graças». São laços de amor, porque «de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo; mas (...) é reforçada pela comunicação dos bens espirituais».

Palavra da Igreja. / – Graças a Deus.

Oração de fiéis

No início deste mês de novembro, conhecido como o «mês das almas», em que especialmente recordamos os nossos irmãos que já partiram para a eternidade, oremos com fé e confiança, dizendo:

Fazei-nos santos, Senhor, como Vós sois santo.

1. Para que a Igreja de Cristo, a que felizmente pertencemos, seja sempre mais como rezamos no credo: «una, santa, católica e apostólica», oremos ao Senhor.
2. Pelos cristãos desta comunidade/paróquia, e pelos que estão espalhados pelos cinco continentes, para que procurem viver a vocação universal à santidade, a partir da sua vida quotidiana, na família, no trabalho e no convívio com todos, oremos ao Senhor.
3. Pelos governantes das nações para que, promovendo a paz e a justiça, respeitem a liberdade religiosa com um direito fundamental da pessoa humana, oremos ao Senhor.
4. Pelos nossos irmãos e irmãs que já partiram para a eternidade de Deus, a fim de que, libertos de toda a mancha de pecado, sejam admitidos na morada celeste e intercedam por nós, oremos ao Senhor.

Acolhei, Pai santo, a nossa oração, humilde e confiante, que Vos dirigimos pelo vosso Filho e nosso Irmão Jesus Cristo, pela intercessão de sua e nossa Mãe Maria Santíssima, e na unidade do Espírito Santo.

Ámen.

ÍNDICE

<i>Prefácio</i> – D. José Manuel Cordeiro.....	5
<i>Introdução</i> – Manuel Morujão, S.J.....	9
Dia 1 Celebrar a glória de Todos os Santos.....	15
Dia 2 Os Fiéis Defuntos são nossos irmãos.....	19
Dia 3 Converter a saudade em esperança.....	25
Dia 4 Nossos irmãos Fiéis Defuntos: tão longe e tão perto	29
Dia 5 Cultivar uma boa relação com a <i>Irmã Morte</i>	33
Dia 6 Combater o bom combate da vida como S. Nuno de Santa Maria.....	37
Dia 7 S. José, Patrono da boa morte.....	41
Dia 8 Morte física que é porta para entrar na vida eterna	45
Dia 9 Morremos para ressuscitar	49
Dia 10 A Eucaristia, seguro de vida eterna em Deus.....	53
Dia 11 Preparar um futuro eterno de glória descobrindo a Cristo no rosto de cada pessoa.....	61
Dia 12 Peregrinos a caminho do Céu	67
Dia 13 «Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno»	71
Dia 14 Vale toda a pena lutar e sofrer para chegar à glória do Céu.....	77
Dia 15 A nossa comum vocação à santidade.....	81
Dia 16 O dia da nossa morte prepara-se hoje	85
Dia 17 A morte é boa para os bons	89
Dia 18 Dia Mundial dos Pobres	93
Dia 19 Uma só Igreja: militante, padecente e triunfante.....	99

Dia 20	Nossa vida não acaba. A vida temporal transforma-se em eterna.....	103
Dia 21	Viver e morrer como filhos de Maria.....	107
Dia 22	Viver na comunhão dos santos.....	111
Dia 23	Fazer da morte o nosso natal.....	115
Dia 24	A ressurreição de Cristo, primícias da nossa ressurreição.....	119
Dia 25	Viver num Reino onde somos irmãos do Rei Jesus Cristo.....	123
Dia 26	O nosso credo não é na morte, mas na ressurreição	127
Dia 27	O seguro inabalável da confiança	131
Dia 28	A cruz de cada dia, escada para subir à glória	137
Dia 29	O amor é mais forte que a morte	141
Dia 30	Apóstolos da ressurreição	145

ANEXOS

I	Celebração da Palavra, adorando o Santíssimo Sacramento	153
II	Terço do Rosário a Nossa Senhora.....	167
III	Via-Sacra.....	175
IV	Orações de autores clássicos pelos Fiéis Defuntos	205
	<i>Índice</i>	213